

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Jornal de Brasília

Class.: 251

Data: 26 de fevereiro de 1989

Pg.: \_\_\_\_\_

# Italianos acusam Brasil de assassinar os índios

Jorge Cardoso

Milão — Um grupo de manifestantes do Partido Verde invadiu ontem o estande do Brasil, na Bit-Borsa Internazionale del Turismo (Feira Internacional de Turismo) que vem sendo realizada em Milão, a capital da Lombardia, Itália. Eles acusaram os brasileiros de destruir a Amazônia e matar índios. Os verdes italianos portavam faixas, que diziam: "Salvemos a Amazônia" e "aos índios uma vida, não a morte".

Eram 11 horas (7h00 de Brasília), quando os manifestantes chegaram no estande e espalharam terra sobre o carpete azul. Utilizando um megafone começaram a acusar os brasileiros de "assassinos" e "matadores de índios".

Em poucos minutos, os seguranças da feira retiraram os manifestantes do local. No entanto, o fato serviu para chamar a atenção ao estande brasileiro, que até então não havia despertado o interesse da maioria de compradores e público italiano. É que este ano, por causa do corte das verbas para viagens do pessoal da Embratur (Empresa Brasileira de Turismo), a feira não contou com representantes da empresa estatal e também deixou de apresentar os costumeiros shows de mulatas, e outras atrações, incluindo a música. Sem esses ingredientes o estande tem estado muito "tranquilo".



O padre Panza foi encontrado desacordado a 100 metros da chácara onde os índios se reuniram

## Vigário sofre atentado em Altamira

**Rubens Araújo**  
do *Enviado Especial*

Um dia após o término do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, um de seus colaboradores sofreu um atentado. Desta vez, a vítima foi o padre Angelo Panza, vigário da prelazia do Xingu, que participou ativamente do evento. Na madrugada de ontem, entre 1h00 e 2h00, Panza foi encontrado desacordado a 100 metros do portão da chácara Betânia, onde estavam alojados os índios que vieram a Altamira, com um lenço amarrado no pescoço. Uma semana antes, algumas pessoas, dentro de um carro não identificado, haviam dado cinco tiros para o ar no mesmo local.

Algumas horas depois do atentado, o padre Panza foi atendido

em estado de choque pelo médico da chácara Betânia, a 9 km de Altamira, que lhe deu sedativos e recomendou ainda que ele só falasse após um dia de descanso. O vigário foi levado para a casa do bispo na cidade. Na última, quarta-feira, em entrevista coletiva, Panza disse à imprensa que "não havia sido ameaçado de morte", mas que haveria possibilidade "devido à opção que a prelazia do Xingu fez pelos marginalizados".

No lugar de Panza, falou o vigário geral da prelazia, Frederico Tschol. Ele contou que, na hora do incidente, Panza estava na porta da chácara esperando o último carro de Altamira que vinha com alguns índios. "O padre controlava tudo, porque tinha medo que entrassem pessoas incompetentes", disse. "Pessoas incompetentes", no

caso, eram os inimigos que a prelazia ganhou quando se mostrou contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte (ex-Kararaô), que provocou o protesto e o encontro dos indígenas do Xingu.

Tschol disse que "por estar com muita fadiga, pois trabalhou demais no encontro", o padre Panza dormiu sentado do lado de fora da chácara. Foi quando aconteceu o atentado. O caso provocou várias versões. Numa delas, contada pelo próprio delegado da cidade, Carlos Carlito de Araújo, o vigário "teria sido pego por dois homens com capa de chuva, com os rostos escondidos, que o afastaram do local onde estava". Na cidade, comentava-se que Panza foi encontrado todo coberto de sangue e amordaçado.

O vigário geral não confirmou nenhuma das versões. Disse ape-

nas que Panza foi encontrado em estado de choque e que não conseguiu ver nenhuma escoriação nele. "Estamos esperando o exame de corpo delito para ver se aconteceu algo", argumentou Tschol apressivo. Um funcionário da casa do bispo, que preferiu não dar o nome, falou "extra-oficialmente" que o padre "estava com a camisa toda rasgada".

O delegado Carlos Carlito não conseguiu conversar com Panza e, até às 14h00 de ontem, ninguém havia dado queixa do ocorrido. A tarde, ele recebeu um telefonema do secretário de Segurança do Pará, Mário Malato, que procurava mais informações sobre o caso. Carlito não vê nenhuma relação do que aconteceu com Panza e o fato dos cinco tiros dados por desconhecidos na madrugada do sábado.